

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12000 * Numero avulso..... 5000 *	N.º 49	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## EL-REI DOM LUIZ I

Pelas onze horas e cinco minutos da manhã de 19 de outubro corrente, apoz longos e crudelissimos soffrimentos e a mais lancinante agonia, que é dado imaginar-se, exhalou o derradeiro suspiro, no paço da cidadella de Cascaes, el-rei o senhor D. Luiz I, trigésimo primeiro rei de Portugal, o segundo filho da virtuosa rainha a senhora D. Maria II e do senhor D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha, o irmão e successor na corôa d'esse sympathico moço e infeliz príncipe, que se chamou D. Pedro V.

Era, desde alguns dias, previsto o fatal desenlace; em successivos boletins, buscados e lidos com insolita avidez, revelavam-no propincuo, imminente, os professores da sciencia medica que assistiam ao illustre enfermo, e procuravam com extraordinarios esforços e uma dedicacão digna da maximo elogio, se não arrancar á morte, prolongar, ao menos, quanto possível, a preciosa existencia da predestinada victima.

Nem por isso a noticia de se haver, a final, tornado uma realidade o triste prognostico, causou menos profunda magua, na capital como em todo o paiz, que seguiria sobresaltado e em inquieto aneio as variadas phases do padecimento, quasi martyrio, do soberano.

E perfeitamente justificado era aquelle sentimento que se manifestou com rara unanimidade e por modo bem commovente e significativo.

Põe-nos a nossa insignificancia e desprendimento das pugnas partidarias ao abrigo de qualquer suspeição. Só desejámos ser justos e imparciaes; e na hypothese sujeita, podemos sê-lo sem offender melindres, e sem que nos acoimem de lisonjeiros ou cortezaes. E pois, com intima convicção e o maior desassombro, que não hesitámos em affirmar, que o senhor D. Luiz I, se, como monarcha, pela lucidez da intelligencia e não vulgar illustração, prudente criterio e correcto procedimento constitucional em circumstancias difficeis, pelo respeito ás liberdades publicas, e pelo seu espirito em extremo conciliador, tolerante e magnanimo, adquiriu indiscutivel jus a occupar um logar preeminente na serie dos reis de Portugal; como homem, como cidadão, como patriota, pelo desprezencioso do trato, affabilidade inexce-

divel, primorosa cortezia, nobilissimo caracter, animo generoso e valedor, e ardente amor á terra, que o vira nascer, e cujo engrandecimento e gloria eram, por sem duvida, o objectivo dos levantados pensamentos do príncipe extinto, a sua memoria impõe-se á saudosa veneração do povo portuguez.

Nasceu o senhor D. Luiz I no paço das Necessidades em 31 de outubro de 1838, e foi baptisado na capella do mesmo paço em 14 de novembro do referido anno, pelas quatro horas da tarde, sendo seus padrinhos: sua magestade o senhor Luiz Filippe de Orléans, rei de França, e sua alteza real a senhora D. Maria Antonietta de Saxe Coburgo Gotha, avó paterna, representados, o primeiro pelo sr. conde Durosnel, embaixador extraordinario *ad hoc*, e a segunda pela sr.<sup>a</sup> duqueza da Terceira.

Teve por aio o primeiro visconde da Carreira, Luiz Antonio de Abreu e Lima. A sua primeira mestra e desvelada educadora, como a de todos os seus irmãos, foi sua exemplarissima mãe, a austera rainha D. Maria II, que confiou a direcção dos seus estudos a professores abalisados, entre os quaes sobressaíam o sabio mathematico dr. Filippe Folque e o insigne humanista o conselheiro Antonio José Viale.

Desde os mais tenros annos mostrára o senhor D. Luiz pela profissão nautica decidida predilecção, que seus augustos paes por nenhuma fórma contrariaram, antes entenderam dever favonear, fazendo-lhe assentar praça na marinha militar em 9 de outubro de 1846.

Mais se accentuou aquella predilecção, quando, já fallecida a senhora D. Maria II, o senhor D. Fernando, regente do reino na menoridade do senhor D. Pedro V, determinou discretamente, no intuito de desenvolver as suas facultades e aperfeiçoar a sua instrucção, que os esperancosos príncipes visitassem, embarcando no vapor de guerra *Mindelo*, diversos paizes e côrtes da Europa.

Em 12 de outubro de 1857, tendo já o posto de capitão tenente, assumiu o senhor D. Luiz o commando do brigue *Pedro Nunes*, saindo logo em janeiro do anno seguinte a cruzar na costa de Portugal. Affirmaram os brilhantes officiaes, que compunham o estado maior da excellente guarnição d'aquelle navio, que o senhor D. Luiz logo n'este seu tirocinio firmou a seriedade da sua vocação, revelando



mui apreciáveis qualidades de homem de mar e de commandante.

Do brigue *Pedro Nunes* passou á corveta a vapor *Bartholomeu Dias*, de cujo commando tomou posse em junho de 1858.

Em outubro d'este anno visitou o senhor D. Luiz com o seu elegante navio, então o melhor da marinha portugueza, os portos da ilha da Madeira e do archipelago dos Açores, sendo em todos acolhido com grandes demonstrações de affecto e enthusiasmo.

Em abril de 1859 seguiu para os portos de Inglaterra, e em 14 de maio ali foi de novo, conduzindo a seu bordo sua alteza a senhora infanta D. Maria Anna, e o principe Jorge de Saxonia, seu esposo.

Sendo já capitão de mar e guerra, em setembro de 1859, fez uma viagem a Tanger, no imperio de Marrocos, indo em sua companhia sua magestade el-rei o senhor D. Fernando, e em 1860 commandou a expedição naval e militar, que tinha por fim assegurar o nosso dominio e prestigio, compromettidos por lastimosos desastres, na costa occidental da Africa, recebendo-o Loanda com as mais calorosas manifestações de verdadeiro jubilo e gratidão.

No anno de 1861 desempenhou a *Bartholomeu Dias*, sob o commando do senhor D. Luiz, varias commissões de serviço fóra do Tejo. Esteve, pela segunda vez, na ilha da Madeira, visitou Gibraltar, e foi a Southampton buscar o principe Leopoldo de Hohenzollern, destinado esposo da senhora infanta D. Antonia; em principios de setembro saia a barra ao encontro do senhor D. Pedro V, que regressava de visitar a exposição industrial do Porto, e finalmente em 18 do mesmo mez novamente se fez de vela para conduzir a Antuerpia os gentilissimos noivos.

Em todas estas viagens e no laborioso lidar da vida de bordo, no convívio de officiaes conspicuos pela sua competencia ou pelos seus conhecimentos, o senhor D. Luiz, justificando as esperanças, que fizera conceber a sua auspiciosa estreia, avigoreou a solida instrucção que lhe haviam ministrado, e tornou-se querido dos camaradas e tripulações, que o estimavam devéras, não tanto pela elevada categoria, como principalmente pelos dotes de coração, de que depois, em mais subida esphera, deu por igual exuberantes provas.

Estavam os senhores D. Luiz e o senhor infante D. João, seu irmão, assistindo a esplendidas festas em Compiègne, quando, por telegramma, que lhes foi communicado com affectuosa prevenção e condolencia pelo proprio Napoleão III, os dois principes souberam, que era morto o senhor infante D. Fernando, e estava enfermo el-rei o senhor D. Pedro V.

Immediatamente partiram para Paris, e d'ahi para Inglaterra; e tomando logar, em Southampton, no paquete da mala real *Oneida*, n'elle aportaram a Lisboa, na madrugada de 14 de novembro.

Apenas o paquete fundeou, o presidente do conselho, que era então o marquez, depois primeiro duque de Loulé, foi a bordo, e dando-lhe o tratamento de magestade, rasos os olhos de lagrimas, participou ao senhor D. Luiz, que o senhor D. Pedro V fallecera no dia 11, tendo assumido a regencia el-rei o senhor D. Fernando.

Abraçou-se o senhor D. Luiz ao velho estadista, e n'uma explosão de choro desafogou a dor immensa, que lhe alcançara o peito. Não era menos expressiva a que se debuxava no semblante serio e meditativo do senhor infante D. João, que a fatalidade fadára para acompanhar a breve trecho, no sepulchro, os irmãos idolatrados.

Desembarcou o novo rei ás sete horas da manhã, no caes de Belem, e dirigiu-se ao paço das Necessidades, prestando, acto continuo, o juramento prescripto pela lei fundamental.

Convocadas extraordinariamente as côrtes, perante ellas, na conformidade da carta, e com as formalidades do estylo, ratificou o senhor D. Luiz aquelle juramento em 22 de dezembro.

Registámos n'este logar a carta notavel, que o senhor D. Luiz I, em 1 de dezembro, dirigiu ao presidente do conselho, significando o seu reconhecimento pelas eloquentissimas demonstrações do sentimento popular por occasião da prematura morte do infante D. Fernando e de el-rei D. Pedro V.

«Meu caro marquez.—Ha dores, que se sentem, mas que não se podem expressar. A minha é uma d'essas. Ainda não enxutas as lagrimas pela morte de um irmão querido, já outra campá se abria para receber outro irmão, que todo se dedicava á felicidade do seu povo. Não posso, comtudo, apesar de opprimido pela dor mais cruel, esquecer e deixar de agradecer, não só aos habitantes das cidades de Lisboa e Porto, como tambem aos de todo o reino, as provas de amor e sympathia, que deram por occasião da morte de meu sobre todos querido irmão, el-rei o senhor D. Pedro V.

«Quando a dor e o luto são espontaneos, são o mais valioso epithapho a que um rei pôde aspirar. Grande é a minha dor, mas peço ao marquez, que faça saber aos portuguezes, que igual é o meu reconhecimento. Lisboa, 1 de dezembro de 1861.—*D. Luiz, rei de Portugal.*»

Em 7 de setembro de 1862 casou sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I por procuração, em Turim, com a senhora D. Maria Pia, dilectissima filha de Victor Manuel, o valente caudillo da liberdade e da independencia da Italia. Foi este consorcio pessoalmente ratificado em Lisboa a 6 de outubro do mesmo anno.

Os portuguezes, que nos curvâmos hoje respeito-sos perante a dolorida viuvez da rainha de Portugal, sabemos todos o modo notabilissimo como a excelsa princeza, occupando as culminancias do throno, comprehendeu e desempenhou a alta missão de mãe.

A esposa que foi dizem-no a felicidade, que não abandonou o lar do chefe do estado, do qual, além de companheira fiel e dedicada se volveu collaboradora intelligentissima em todas as obras de luz e de bem, que lustraram o ultimo reinado; comprovam-no ainda superiormente a quanto pudesse expor a forma por que se houve nos ultimos tempos, e mórtamente nos derradeiros dias em que, prostrado no leito, que lhe foi eculo de torturas incriveis, o senhor D. Luiz encontrou sempre a seu lado a senhora D. Maria Pia como enfermeira unica, carinhosa, vigilante, infatigavel, a ponto de causar assombro, atenta a sua debil compleição.



Espelho fiel das grandes qualidades do heroico progenitor, e das virtudes egregias de sua santa mãe, o nome aureolado da senhora D. Maria Pia symbolisa para o nosso povo, que é bom e reconhecido, uma piedosa lenda de extremos de caridade e de affecto.

Vem ainda longe o momento, em que se poderá escrever, fóra da acção deleterea das paixões politicas, que obcecam e conturbam os talentos mais lucidos, a chronica desapaixonada do ultimo reinado, que representou, por certo, um largo periodo de paz profunda e de trabalho util. Entretanto, por mais severo, que se afigure o veredictum da historia, crêmos, que não regateará á influencia legitima do senhor D. Luiz, com a iniciativa e cooperação effizaz dos estadistas eminentes de que se acerçou, largo quinhão na quasi completa transformação das condições economicas e financeiras do paiz, nas fecundas reformas empreendidas, e nos grandes e importantes melhoramentos e progressos de toda a ordem realisados nos vinte e oito annos, que decorrem desde 1861 a 1889.

Relembremos alguns dos principaes actos, que honraram o reinado do senhor D. Luiz I.

Foi fundada e inaugurada em 1862 a escola normal de Lisboa.

Começaram-se os trabalhos da fortificação de Lisboa e seu porto.

Em 1863 decretou-se a lei que aboliu em Portugal a instituição vincular. Também n'este anno se realisou o primeiro recenseamento geral da população referido a 31 de dezembro.

Realisou-se em 1865 a exposição internacional do Porto, a mais completa e brilhante que se tem feito no nosso paiz, e para que se erigiu um excellente edificio na segunda capital do reino.

Em 1 de julho de 1867 foi abolida a pena de morte, e promulgado o codigo civil.

Inaugurou-se em Lisboa, com grande pompa, um sumptuoso monumento a Luiz de Camões.

Em 1869 promulgou-se o decreto, com data de 25 de fevereiro, referendado pelo marquez de Sá da Bandeira, pelo qual se determinou que ficasse abolido, desde a sua data, o estado de escravidão em todos os dominios portuguezes, e fixou o dia 29 de abril de 1878 como termo do serviço obrigatorio dos libertos.

Passados pouco mais de seis annos apenas, 29 de abril de 1875, votou-se e promulgou-se a lei, determinando, que um anno depois da sua publicação nas provincias ultramarinas seria considerada extinta a condição servil designada no decreto de 1869, e declarados livres aquelles a quem ella se referia.

Quando o velho e lendario Portugal houvesse de desaparecer da lista das nações, envolto na sua epica mortalha, para o mais honroso epitaphio bastar-lhe-iam as datas memoraveis das leis que reformaram todo o nos-o direito civil, a que aboliu o patibulo, e a que acabou, totalmente, com a escravidão e o estado servil nas provincias africanas.

Iniciaram-se em 1877 as modernas explorações portuguezas no interior da Africa, saindo para ellas de Lisboa os srs. Hermenegildo Capello, Roberto Ivens e Serpa Pinto, que tiveram depois dignos con-

tinuadores em Antonio e Augusto Cardoso, Henriques de Carvalho e Sizenando Marques.

Abriu-se em 1879 á exploração o caminho de ferro do Douro até á Regua, e começaram os trabalhos de construcção da linha da Beira Alta. Successivamente concluíram-se estas linhas, e construíram-se muitas outras, representando hoje a nossa rede ferro-viaria extensão superior a 2:000 kilometros!

Regressaram n'aquelle anno da sua primeira exploração os intrepidos officiaes da armada e do exercito Capello, Ivens e Serpa Pinto.

Em 1880 celebrou-se em Lisboa e em todas as principaes cidades e povoações do reino e colonias, com delirante entusiasmo, o terceiro centenario do sublime cantor das nossas glorias. O grande jubileu camoneano, fazendo vibrar energicamente a alma popular, iniciou, para assim dizer, o nosso rejuvenescimento nacional. Pouco antes reuniram-se na capital o congresso litterario internacional e o de anthropologia.

Em 1882 commemorou-se pomposamente, em Lisboa tambem, o centenario do primeiro marquez de Pombal, o mais pujante e energico estadista do seculo xviii.

Reuniu-se em 1885 o congresso postal internacional, regressando da sua segunda e notabilissima exploração, os srs. Capello e Ivens. Promulgou-se, em 24 de julho, o segundo acto adicional á carta constitucional.

Em 1886 publicou-se o novo codigo penal. Começou a construcção dos caminhos de ferro de Ambaca e de Lourenço Marques.

Estabelecem-se, ampliam-se e reformam-se varias escolas industriaes para o ensino profissional, iniciado por Antonio Augusto de Aguiar (1884-1888).

Inauguraram-se as grandiosas obras do porto de Lisboa em 1887.

Abriram-se em 7 e 10 de junho de 1888 as exposições industrial portugueza e a pecuaria.

Em 4 de julho seguinte o senhor D. Luiz I, acompanhado de sua excelsa esposa e augustos filhos, recebia, jubiloso, no paço da Ajuda, e á sua mesa, em grande gala, com o apparato e grandeza com que soem receber-se principes e embaixadores, os iniciadores e principaes cooperadores d'aquelles dois famosos certames do trabalho e das industrias nacionaes.

Finalmente, já no anno corrente, reuniu-se n'esta cidade um interessante congresso juridico, ao qual concorreram por igual insignes jurisconsultos hespanhoes.

Coincidencia curiosa. Cultor apaixonado das letras, o ultimo diploma que assignou de seu punho o rei extinto, já quando a morte o envolvia em suas sombras, foi o convenio sobre a propriedade litteraria e artistica celebrado com o imperio do Brazil, que representa um grande acto de justiça, e um incalculavel serviço prestado ao paiz.

O senhor D. Luiz I amou e protegeu as sciencias, as letras e as artes.

Acolhia sempre com muita distincção e carinho os artistas e homens de letras que se lhe approximavam; homem de letras, que não se dedignava de



ser também, traduziu e fez publicar a versão de algumas das principaes obras de William Shakspeare, seu auctor predilecto, as quaes se recommendam, especialmente, pelo escrupulo com que procurou re-produzir, em linguagem portugueza, os pensamentos do grande tragico inglez.

Subsidiou no estrangeiro e em varias escolas do paiz numerosos artistas e outros estudiosos; instituiu por fim, sendo presidente da academia real das sciencias, a cujas reuniões comparecia muito satisfeito, enquanto o seu estado de saude lh'o permitiu, um premio annual de 1:000,000 réis para ser conferido ao auctor da melhor obra, de sciencia ou litteratura, alternadamente, que se publicasse dentro de determinado periodo.

Era o senhor D. Luiz I mui entendido em musica e pintura, e cultivava com amor um e outro d'esses ramos das bellas artes.

Fallava o finado soberano correntemente varios idiomas europæus, podendo assim, por occasião do congresso postal internacional, que se reuniu em Lisboa no anno de 1886, dirigir-se a cada um dos delegados na lingua da respectiva nação.

Por effeito da lei, foi o senhor D. Luiz I grão-mestre de todas as ordens militares do reino; possuia também o Tosão de Ouro e a grão cruz de quasi todas as ordens estrangeiras. Sendo-lhe licito conceder, por sua vontade independente, todas as condecorações portuguezas, tinha-se, comtudo, reservado apenas esse direito ou usança para com a ordem de S. Thiago, por ser aquella, que, na sua reforma, se destinára a premiar o merito scientifico, litterario e artistico. Comprazia-se de dar essa veneratione por iniciativa propria.

Cerraremos estes singelos apontamentos com a carta, que o monarcha extinto dirigiu ao duque de Loulé, do paço de Mafra em 26 de setembro de 1869, pondo termo ao boato, que se propalára de que o Rei de Portugal era um dos pretendentes á corõa de Hespanha.

«Meu caro duque. —Paço de Mafra, 26 de setembro de 1869.—Constando-me que alguns jornaes têm asseverado que em virtude de combinações ultimamente feitas em Paris, eu abdicaria em meu filho a corõa de Portugal, sob a regencia de meu augusto pae, acceitando a de Hespanha, e não desejando, que tão infundado boato tome incremento, e se me attribuem, em assumpto de tanta gravidade, intenções, que estão longe do meu animo, venho pedir-lhe, meu caro duque, que faça com a maior brevidade desmentir similhante noticia.

«Se a Providencia tem reservado dias de dolorosa provação á minha patria, espero, confiado no amor do paiz e na alliança sincera da liberdade com o throno, poder resistir a essas temerosas eventualidades.

«O meu posto de honra é ao lado da nação. Hei de cumprir os deveres, que o amor das instituições e a lealdade á patria me impõem.

«Nasci portuguez, portuguez quero morrer.

Seu afeiçoado, Luiz.»

Como soberano constitucional, admittimos, que o senhor D. Luiz I, uma vez ou outra, errasse, inter-

pretando menos fielmente os desejos ou a vontade da nação. Como homem, porém, não cremos, que haja quem possa queixar-se de haver d'elle recebido um agravão qualquer.

Espirito culto e bem orientado, coração aberto a todas as aspirações elevadas e generosas, o senhor D. Luiz I lega ao seu successor e á patria um nome prestigioso e uma tradição luminosa.

Bem dita seja, pois, a sua memoria.

F. PEREIRA E SOUSA.

## MORS VITA EST

Isto é apenas o obscuro responso de um plúm-tivo, piedosamente trazido á memoria de um sympathetico trabalhador coroado, que vem de terminar na vida o seu dia tão cheio de luminosos reverberos de ouro, e de implacaveis vibrações de dor...

Está dito e escripto tudo o que suggeria o Rei, tudo que dignificava o Homem.

Eu não podia ter nem tenho a pretensão de vir dizer e escrever mais ou melhor. Mas quiz cumprir o dever, que a consciencia impõe a todos que usam uma penna, de saudar com um derradeiro *vale* o espirito d'aquelles que, partindo para não mais voltar, alguma cousa fizeram no mundo de fundamentalmente bom e de sinceramente digno.

Nem sempre somos justos, nós; que é como dizer—nem sempre somos *humanos*; e quantas vezes como que parecemos deliciar-nos em dilacerar com espinhos a pobre e contingente porção de materia vil, que reveste uma alma e que encarcera um cerebro na sua peregrinação pela Terra...

Eu—ai de mim—talvez já houvesse peccado também, e não sei se perante a suprema e incorruptivel Justica poderia apparecer amanhã com o *meu alvo vestido de innocencia*; mas d'aquelle de quem n'este momento todo um povo falla, e cujo nome evocará em muitos corações um piedoso sentimento de saudade, e em muitos olhos uma effusiva inundaçõ de lagrimas, não tenho felizmente que relembrar uma palavra só com que o houvesse ferido...

Se errou não sei, nem curo de saber, e julgo cedo, cedissimo para o averiguar. E agora que a morte, aniquilando-lhe o espirito, terminou por decompor-lhe o corpo, as linhas da sua physionomia moral, accentuando-se melhor, deixam-me ver n'um fundo feito de piedade e de tolerancia o sympathetico perfil do Homem, amando sinceramente o Bello, servindo bastantes vezes o Bom, e procurando naturalmente o Verdadeiro...

Outros fallaram, e ainda fallarão mais tarde da parte, por assim dizer, *esthetica* da sua individualidade psychica; eu limito-me a dizer que a morte libertando-o foi a final para elle a iniciação de uma outra Vida, talvez mais serena e mais luminosa do que aquella que teve aqui, apesar de erguido as culminações do mando, porque desfeita e esbatida emfim a parte limosa, que como individuo havia de accorrenal-o á especie, fica apenas, inatacavel e incontaminada, a recordação dos seus bons actos, das suas generosas tendencias, e das suas largas e suggestivas aspirações...

AFONSO VARGAS.



EL-REI DOM LUIZ I



## NUMEROS DO REGRESSO

(H. Heine)

LXV

Em nós casando, meiga pomba amada,  
Hei de fazer que a tua vida seja  
Toda festas e risos e prazeres...  
N'uma palavra, hei de tornar-te a inveja  
De todas as mulheres.

Pódes zangar-te, trovejar, que tudo,  
Humilde e curvo, aturarei. No entanto,  
Pobresinha de ti, se me dás ares  
De desdenhar a graça, o mimo, o encanto  
Dos versos que inspirares...

LXX

Faltou-vos sempre, meus amigos, arte  
De bem me perceber; por minha parte,  
Eu, raro e mal, vos percebi também.  
Foi preciso que a Vida, o torvo drama,  
Nos confundisse no tendal da lama,  
Para uma vez nos entendermos bem...

José Newton.

## A ATMOSPHERA

IV

Já definimos a atmospheria, indicámos a composição e provámos a existencia de cada um dos seus elementos, demonstrámos que o ar era pesado, e occupámos-nos então da pressão atmospherica; vamos agora tratar da temperatura do ar.

E pelo thermometro que se mede a temperatura dos corpos, isto é, os diferentes graus de calor sensível que podem ter; cumpre advertir que, para o thermometro determinar com rigor a temperatura do ar livre, é indispensavel que esteja á sombra, em sitio bem arejado, mas ao abrigo da chuva e da irradiação dos corpos circumvizinhos, do céu e das nuvens.

A temperatura do ar á superficie da terra é essencialmente variavel, e é por isso que a temperatura média de um dia se obtém tomando a média ás temperaturas observadas em diferentes horas do dia; todavia consegue-se um resultado bastante exacto se tomarmos a semi-somma das temperaturas maxima e minima do dia, e ainda muito mais exacto se, como se procede em alguns dos nossos postos meteorologicos, tirarmos a média a estas temperaturas e ás das nove horas da manhã e das nove horas da noite. A temperatura de um mez, facil é prever, é igual á média das temperaturas dos dias d'esse mez, e consequentemente a de um anno, igual á média das temperaturas dos doze mezes. Dá-se o nome de temperatura de um lugar á média das medias annuaes de muitos annos; a temperatura média de Lisboa e de Coimbra é de pouco mais de 15°, a de Paris cerca de 10°,8, a de Calcüttá 28°,5, a de S. Petersburgo 3°,5, a do cabo do Norte 0° e a de Groelandia 8°.

Fallámos em temperaturas maxima e minima; a primeira dá-se em Lisboa ás tres horas da tarde e a segunda ás seis horas da manhã. Nos nossos climas, a temperatura maxima durante o anno observa-se nos mezes de julho ou agosto, e a minima em meados de janeiro. Esta marcha regular da temperatura du-

rante o dia é devida á distancia do sol ao horisonte nas diversas horas, e durante o anno á diferente posição d'este astro quando passa pelo meridiano, e ás mudanças de grandeza dos dias e das noites.

Dissemos que a temperatura do ar á superficie do globo é essencialmente variavel; as causas principaes d'estas variações são: 1.º a latitude, isto é, a distancia de qualquer logar ao equador, medida em graus do meridiano d'esse logar; 2.º a altitude, ou a altura acima do nivel do oceano; 3.º a vizinhança dos mares.

A influencia da latitude é a mais importante de todas, e resulta da maior ou menor obliquidade dos raios solares; póde dizer-se que em cada meridiano a temperatura é maxima no equador e diminue até aos polos, porque n'aquelle a incidencia dos raios é quasi normal, e quanto mais perto dos polos tanto mais obliquos se vão tornando, e, como é sabido, quanto mais obliquos são os raios tanto menos calor o solo absorve. As differenças de temperatura que as estações apresentam nos nossos climas são tambem devidas á maior ou menor obliquidade dos raios solares; no verão, por exemplo, alem do comprimento dos dias, os raios chegam-nos com direcção menos obliqua que n'outra qualquer estação, e communicam-nos, portanto, mais calor, comquanto o sol esteja mais afastado que no inverno. Tambem se observa em Paris e até em latitudes muito mais elevadas, como em S. Petersburgo, no verão dias de calor quasi tão forte como no equador, onde a temperatura é quasi sempre invariavel. A variação da temperatura com a latitude não é regular, porque não depende só do que fica dito, mas tambem de muitas outras causas, sendo as principaes a direcção e temperatura dos ventos dominantes e o relevo do terreno; nas nossas regiões é preciso caminhar mais de 180 kilometros para o norte, para reconhecer o resfriamento de 1° na temperatura média do ar.

Vejámos agora a influencia da altitude. Ora, sendo o ar, como é, um corpo diathermico, isto é, deixando-se atravessar pelos raios do calor sem os absorver, e diminuindo de densidade á proporção que nos elevámos acima do nivel dos mares, é claro que na parte inferior da atmospheria o aquecimento é mais intenso. Alem d'isto, como se sabe, o ar aquece-se pelo contacto com o solo, e portanto, mais uma razão para que a temperatura diminua á medida que nos elevámos, o que prova a existencia das neves perpetuas que cobrem o cume dos altos montes, não só nos nossos climas, como se observa nos Alpes e nos Pyreneus, mas tambem nas regiões tropicaes, como no Chimborazo e no Sorata, e em outros da cordilheira dos Andes. A altura a que se mantêm as neves decresce do equador para os polos; assim, entre os tropicos é de 4:500 metros; nas latitudes de 42° a 50° é de 1:800 a 1:900 metros, e pouco mais de 1:000 entre 60° e 70°. Gay-Lussac na ascensão aerostatica que fez em 1807 observou que o thermometro que em Paris marcava +32° centigrados á superficie do solo, baixára a -10° á altura de 7:000 metros. N'uma ascensão recente, feita por Barral e Bixio, o thermometro desceu ainda mais. Póde-se dizer que a temperatura do ar nos nossos climas diminue 1° por cada 180 metros de differença de altitude, e que até um certo limite, não superior a 3 ki-



lometros, a temperatura diminue proporcionalmente á altitude; todavia a lei do decrescimento do calor á medida que nos elevamos na atmosphera é ainda desconhecida.

Falta-nos agora explicar a rasão por que a vizinhança dos mares é tambem causa principal das variações da temperatura do ar á superficie da terra. A temperatura dos mares é muito menos variavel que a dos continentes. A influencia da vizinhança dos mares nota-se sobretudo nas ilhas, onde os estios são em geral menos quentes e os invernos menos frios, d'onde provém os nomes de *clima das ilhas*, *clima marítimo*, dados aos climas que apresentam menos variação na temperatura. O que mais contribue para estabelecer esta uniformidade de temperatura nas regiões proximas do mar são as *brisas* periodicas, que de manhã correm da terra para o mar, e de tarde em sentido opposto. A causa d'estas brisas é a seguinte: o ar que banha as costas, sendo mais frio de manhã que o que existe á superficie do mar, cujo resfriamento nocturno é sempre muito menor, forma uma corrente que, descendo em virtude do seu peso, se espalha para substituir o ar mais quente, e, portanto, menos denso que então se eleva; de tarde, pelo contrario, o ar das costas aquecido pelo sol sobe por ser mais leve, emquanto que o ar do mar, como mais frio, afflue para o substituir. Estas brisas da tarde são de grande importancia nas praias dos tropicos, porque temperam os ardores do dia. E aqui finda o nosso pequeno estudo sobre a atmosphera cuja, descoberta da composição foi mais uma das corôas de Lavoisier.

LYDIO.

### APOLOGO DAS CORES

(Tradução do inglez)

N'uma serena tarde de primavera, encontrando-se as tres côres primitivas — amarello, azul e encarnado — travaram discussão entre si sobre qual era a mais formosa, e entre todas a mais estimada.

— Eu, disse o amarello, sou a côr do sol. Sou eu que brilho scintillante no seu disco luminoso, e é ainda com minhas tintas que elle tinge o firmamento, quer ao nascer, quando começa o seu giro quotidiano, quer no occaso, quando se mergulha nas aguas do profundo pelago.

O metal mais precioso do mundo ostenta minha côr, que é tambem a da seara madura, não menos valiosa que o proprio ouro.

— E eu, disse o azul, cubro a abobada immensa do céu, e por isso me chamam celestial. A massa do ar que nos rodeia é azul, e essa é tambem a côr das aguas revoltas do infindo mar.

Inteiramente despido do vão orgulho, sou eu que pinto a graciosa campanula da campainha-silvestre, e as petalas mimosas da modesta violeta e do meigo não-me-esqueças. Quanto vós tendes de offuscantes e vivas, tenho eu de suave e deleitosa...

— Acho extremamente censuravel que tu e o amarello se vangloriem d'esse modo, interrompe brusca-mente o encarnado. Tambem eu reino magestosamente no firmamento, e, se não sou ahi tão commum como o azul, em compensação sou mais estimado.

Digam-me, poderá uma rosa amarella comparar-se com as que ostentam a minha côr? Não sou eu quem tinge os labios e adorna as faces da donzella? Quereria alguma, por acaso, que o pejo lh'as tingisse de azul ou de amarelo?

A minha soberania é indisputavel: e tanto os homens a conheceram que vestiram de purpura os seus reis e os seus principes da igreja! O meu logar é, pois, junto das maiores grandezas da terra!

— Attendam! segreda então d'ali o desprezencioso branco; para que disputar?! Todos tres são bellos e formosos cada um de per si, mas muito mais o são quando unidos!

Olhem! a nuvem, que não tem côr, o que é? é negra! E comtudo o sol reflectindo n'ella a gotta de chuva mistura-vos todos tres no formosissimo arco-iris. E não vêem quanto mais bellos são assim reunidos?!

E, como se o acaso se comprazesse em vir em auxilio do prudente mediador, o magestoso phenomeno de reflexão apresentou-se n'esse momento nos ares, demonstrando claramente aos encarnicados pleiteadores a realidade d'aquella justissima asserção.

Assim tambem as rivalidades e contendias da humanidade desunindo os homens tiram-lhes a paz e destroem-lhes a belleza! Mas, se os homens se unissem e congregassem todos n'um mutuo e amoroso auxilio, a humanidade apresentaria então, n'esse conjunto, a mesma belleza que a reunião das sete côres primordiales dá ao arco-iris!

CESAR DA SILVA.

### ASSUMPTOS VARIOS

Com este titulo trasladaremos para esta *Revista* primorosos trechos, collidos de alguns auctores, cujos escriptos, sob variado aspecto, se recommendam pela valia do conceito e pela belleza da phrase.

Divulgando, pois, o que hemos como sã doutrina — oxalá fosse moeda corrente! — é nosso unico proposito offerecer um entretenimento pacifico, util e agradavel, mórmente aos que amam a leitura.

JOSÉ ANTONIO DIAS.

Quando entrou no exercicio de ministro o grande Marquez de Pombal, disse um escriptor:

«... Quiz antes merecer a gratidão da corôa, do que dever-lh'a por seus favores.

«E se havia de ser assetteado pela satyra, envelhecendo na desidia e no respeito dos abusos, julgou mais nobre o padecer a ingratiidão pelos beneficios que fizesse, pois bem sabia da experiencia e da historia, que os resolutos reformadores sempre foram mordidos pela inveja e lacerados pela vingança.»

Acerca da concessão feita pelos publicos poderes de officios e dignidades, escreveu o padre Antonio Vieira n'uma de suas importantes obras:

«O erro por que muitas vezes se não acertam as eleições dos officios, é por que se buscam os homens grandes nas casas grandes, e elles estão escondidos nas casas pequenas.»



## A VERDADEIRA SCIENCIA E A VERDADEIRA RELIGIÃO

(de H. Spencer)

Devemos dizer — e esta afirmação vaee sem duvida causar uma extrema surpresa, — que a disciplina scientifica é superior á da educação ordinaria, por causa da cultura *religiosa*, que dá ao espirito humano. É excusado dizer que não tomámos aqui as palavras *scientific* e *religiosa*, na accepção restricta que em geral têm, mas no seu mais amplo e elevado significado.

A sciencia é inquestionavelmente hostil ás superstições que correm mundo sob o nome de religião; mas não o é á religião essencial, que essas superstições occultam. Não se pôde igualmente duvidar de que uma parte da sciencia contemporanea esteja impregnada do espirito de irreligião; mas na sciencia verdadeira e profunda não ha sequer a mais leve sombra d'elle.

«A verdadeira sciencia e a verdadeira religião, — disse o professor Huxley, ao terminar uma serie de conferencias, — são irmãs gêmeas, cuja separação traz consigo a morte d'ambas. A sciencia prospera á medida do seu caracter religioso; a religião floresce tanto mais, quanto a sua base é mais profunda e solidamente scientifica. As grandes obras realisadas pelos philosophos não têm sido tanto productos da intelligencia, como da direcção dada ao pensamento por um espirito eminentemente religioso. A verdade revelou-se muito mais á sua paciencia, ao seu amor, á sua sinceridade, á sua dedicação, do que á sua perspicacia logica.»

Longe de que a sciencia seja irreligiosa, como tanta gente acredita, é o abandono da sciencia que é irreligioso. Soccorrâmo-nos d'uma comparação humilde. Imaginemos que tínhamos a certeza de que todos quantos elogiavam com enthusiasmo os trabalhos d'um escriptor, apenas haviam lido os frontispícios das suas obras. Que valor teriam para nós esses elogios? Que pensaríamos da sua sinceridade?

Tal é todavia (se podemos comparar as cousas pequenas ás grandes), o procedimento da humanidade em geral para com o universo e a causa d'elle. Peior ainda! Os homens não só passam indifferentes por tudo quanto classificam de maravilhoso, mas censuram até os que se entregam á observação da natureza, accusando-os de se occuparem em ninharias, e desprezam os que activamente se interessam por essas maravilhas.

Repetimos, portanto: irreligiosa, é a indiferença pela sciencia, e não a propria sciencia. O amor d'esta é um culto santo, é o reconhecimento evidente do valor das coisas, que são objecto do nosso estudo, e portanto, implicitamente, do valor da causa a que são devidas. Não é uma homenagem simplesmente verbal; é uma homenagem effectiva, traduzida em actos; não é um respeito apenas expresso em phrases; é um respeito provado pelo sacrificio do tempo, do pensamento e do trabalho.

Não é só d'este modo que a verdadeira sciencia é essencialmente religiosa. Tambem o é, porque nos dá um profundo respeito e uma fé implicita na uniformidade de acção que em tudo se descobre. Pelas suas experiencias accumuladas, o homem de cien-

cia adquire uma crença inabalavel nas relações immutaveis dos phenomenos, na relação invariavel de causa e effeito, na fatalidade dos bons ou dos maus resultados.

Em vez das recompensas e castigos de que nos fallam os symbolos tradicionaes, e que os homens têm uma esperança vaga de obter, ou de evitar apesar da sua desobediencia, — descobre o sabio que ha recompensas e castigos que derivam immediatamente da constituição ordenada das coisas, e que os maus resultados da desobediencia são inevitaveis. Reconhece que as leis a que devemos submitter-nos são ao mesmo tempo inexoraveis e beneficas. Observa que, sempre que nos conformâmos com ellas, a marcha das coisas tende invariavelmente para uma perfeição maior, para uma felicidade mais completa. Então, insiste porfiadamente no cumprimento d'essas leis, indigna-se quando são transgredidas, e é assim que, afirmando os principios eternos das coisas, e a necessidade de lhes obedecer, se mostra essencialmente religioso.

Mas a sciencia tem ainda outra face religiosa: é que só ella nos pôde dar uma idéa justa do que nós somos, e das nossas relações com os mysterios do Ser. Mostrando-nos tudo quanto podemos saber, mostra-nos igualmente os limites para além dos quaes demora o incognoscivel. Não é por meio de affirmações dogmaticas que ella nos adverte da impossibilidade de comprehender a causa ultima das coisas; mas leva-nos a reconhecer claramente essa impossibilidade, fazendo nos tocar, em todas as direcções, os limites que não podemos ultrapassar. Faz nos sentir, d'um modo unico, a fraqueza da intelligencia humana em face do que a excede.

Ao passo que a respeito das tradições e auctoridades humanas pôde tomar uma attitude activa, — alteez justificada, — é humilde a sua attitude, d'uma humildade real, deante do véu impenetravel sob que se esconde o Absoluto. O sabio sincero — e por este nome não entendemos o que se contenta em calcular distancias, analysar compostos, ou rotular especies, mas aquelle que, atravez de verdades de ordem inferior, procura verdades mais altas, ou mesmo até, a verdade suprema, — o verdadeiro sabio, dizemos, é o unico homem que sabe quanto está acima, não só do nosso conhecimento, mas de toda a concepção humana, o poder universal, que se revela em a natureza, na vida, no pensamento. Trad. de José Pessanha.

### EXPEDIENTE

Com o presente numero começa uma nova serie da *Imprensa* que motivos ponderosos fizeram interromper ainda uma vez.

Esperámos, porém, que os srs. assignantes não deixarão de coadjuvar esta publicação, que agora diligenciaremos prosiga regularmente, procurando vencer o atrazo d'ella, e ao favor de todos nos recommendâmos reconhecidos.

### A ADMINISTRAÇÃO.